COLECÇÃO
9|OUTUBRO|2002|PÚBLICO
MIL|FOLHAS

Luísa Costa Gomes

"É UM MUNDO EM QUE AS PESSOAS VIVEM QUASE COMO BONECOS ANIMADOS, CHAPADAS NA SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA, SEM REFLEXÃO, SEM DISTÂNCIA, SEM IRONIA"

"Olhos Verdes" é um romance sobre a televisão, inteligente e humorístico. Uma sátira contemporânea que ganhou o Prémio Máxima de Literatura em 1994

GRAÇA SARSFIELD (ESTÚDIO DIABOLAGET)/VOZES E OLHARES NO FEMININO

POR ISABEL COUTINHO

A romancista, contista e dramaturga Luísa Costa Gomes está a acabar de escrever, para o grupo Ensemble, uma peça de teatro sem profundidade, sem distância. É um mundo em que as pessoas vivem quase como bonecos animados, chapadas na sua própria existência, sem reflexão, sem distância, sem ironia.

com quatro personagens femininas. A revista de contos "Ficções"[Tinta Permanente], de que é directora, irá publicar mais um número já na terceira semana deste mês. Como a escritora queria ter finalmente "um porto de abrigo" onde pudesse ter todos os seus livros, mudou-se para a editora Assírio & Alvim. Por isso o romance "O Pequeno Mundo" será reeditado ainda este ano e a totalidade das comédias em 2003. Nasceu em 1954, é licenciada em Filosofia e em tempos foi professora. Já foi cronista do PÚBLICO e de "O Independente" e actualmente escreve na revista de domingo do "Diário de Notícias". Entre Lisboa e Barcelona, Luísa Costa Gomes falou ao PÚBLICO sobre "Olhos Verdes", o romance que em 1994 ganhou o Prémio Máxima de Literatura e que hoje sai na colecção Mil Folhas.

PÚBLICO — "Olhos Verdes" é um romance muito particular, nada convencional. De que ideia partiu quando começou a escrevê-lo?

LUÍSA COSTA GOMES — O livro parte de um pressuposto e de um princípio que é: as personagens não têm vida interior. Eu quis tematizar sobre a forma como a televisão estrutura e formata a convenção do mundo contemporâneo. De uma forma muito simplista, saber de que maneira a imagem a duas dimensões leva a uma concepção do mundo a duas dimensões, ou seja,

Li que quando o escreveu tinha descoberto as sagas islandesas e que elas a influenciaram.

Achei muito curioso que nas sagas islandesas as personagens também não tivessem vida interior. Nestas sagas há uma certa mecânica das acções: fulano faz algo, um outro fez uma vendeta, e isso leva a uma vendeta ainda maior e há uma escalada de violência.

São sagas medievais?

Sim, a mais antiga do século XI e as últimas do século XIV, que reescrevem oralidades anteriores e são muito curiosas de ler porque são histórias de feudos, de guerras entre famílias, de vendetas e aquilo que se vê em acção é uma mecânica social, uma espécie de homeostasia: acontece qualquer coisa e é preciso repor a ordem, mas essa ordem já é uma desordem em relação ao início. As sagas são muito contemporâneas porque são behaviouristas, são comportamentalistas, nunca se sabe muito bem porque é que as pessoas estão a fazer aquilo e se não se conhecer bem os pressupostos sociais da sociedade islandesa, não se percebe porque é que as pessoas estão a fazer aquilo. No fundo, é o que acontece nos filmes que dominam a sociedade contemporânea. Grande parte das motivações ficam por esclarecer porque aquilo que se vê são pessoas a fazer coisas e depois o es-

"Boneca de Luxo,"

de Truman Capote, é o livro que se segue na Colecção Mil Folhas

A HISTÓRIA DE HOLLY

Anos 50, Nova Iorque. Uma rapariga, com o curioso nome de Holly Golightly, é a protagonista de "Boneca de Luxo" — uma mulher pouco atreita às conveniências sociais em vigor na época, infringindo as normas da moral burguesa através da sua ingenuidade e dos gestos solidários que constantemente pratica. Contudo, a sociedade que a rodeia não perdoa e Holly, inocentemente

pectador é que constrói uma vida interior.

Neste romance brinca com isso.

É por isso que às vezes escrevo "talvez ele esteja a pensar isso, não tenho acesso". É a ideia do "hardware" e do "software". O "software" está a fazer isto, mas eu não sei a que é que isto corresponde ao nível da vida interior, não faço ideia nenhuma, pode ser isto ou pode ser aquilo. A certa altura, quando estava a escrever, senti que o livro chegou a um impasse. É uma obra de não-encontros, ao contrário dos romances normais onde as pessoas se encontram. Neste encontram-se, mas nunca percebem que se estão a encontrar. Não chegam a construir nada a partir desse encontro. Embora eu não considere que seja um livro realista, quer ter uma analogia com a fragmentação das relações interpessoais. Enfim, quer um bocadinho também brincar com isso.

E aí entrou o George Berkeley.

A certa altura, lembrei-me desse filósofo que toda a gente estudou vagamente no liceu e pelo qual eu tinha tido sempre um grande fascínio, mas nunca me tinha predisposto a estudá-lo a sério. Berkeley ficou para a vulgata e para a história da filosofia como o homem que disse "Esse est percipi" (ser é ser percepcionado), era dado no sexto ano do liceu e aquilo passava como uma bizarria. Curiosamente, comecei a lê-lo e achei que era um filósofo pós-moderno. Como se ele tivesse criado um sistema

DR

questão de droga, que acaba por superar, é abandonada pelo homem que a iria desposar. Esta extraordinária rapariga parte, dando início a uma vida diferente. O romance de Truman Capote, publicado em 1958, é considerado a obra mais feliz do escritor norte-americano, também ele uma personagem avessa às convenções sociais do seu tempo. M.T.S.

de outro planeta, que aterrou naquele sítio e naquele tempo, e que hoje se torna perfeitamente compreensível e inteligível. Ou seja, se a ideia de Berkeley tivesse lá Jean-François Lyotard, Deleuze ou outro filósofo qualquer do desejo da imagem e das realidades virtuais faria todo o sentido.

"Olhos Verdes" foi escrito entre 1991 e 94. Escolheu para personagem principal um manequim por se estar a viver o período áureo das "top models"?

Achei que o paradigma de quem vive através da imagem e para a imagem são de facto os modelos, no sentido quase platónico. Não é por acaso que o Platão aparece logo lá no primeiro capítulo "(v. Platão)" [risos].

Platão aparece ali porque o paradigma estético hoje impregna toda a realidade. As generalizações são sempre um bocadinho abusivas, mas enquanto a época moderna tem como preocupação fundamental o mundo da moralidade; o mundo pós-moderno tem como preocupação fundamental o mundo do estético. Ou seja, o estético transforma-se ele próprio numa moralidade.

Esse é um dos traços fundamentais do contemporâneo. Por isso, esses modelos, em vez de serem o Adónis, o Hermes ou o Apolo, são esses novos Apolos de pacotilha, que, em vez de serem

"Olhos Verdes", um romance humorístico

Quando "Olhos Verdes" foi publicado, em 1994, o professor universitário e ensaísta Abel Barros Baptista foi quem melhor descreveu o romance na crítica que escreveu para o suplemento "Leituras", do PÚBLICO. "(...) há uma mulher, Eva Simeão, ligada ao 'design', que se dedica mais ou menos a perseguir um homem quando não vê televisão; há um modelo de 'boxeurs', Pedro Levi, que evolui numa história clínica, crescentemente apavorado com os riscos e os perigos que o espreitam a cada momento; a ambos parece corresponder a imagem de protagonistas da história, mas apenas se cruzam e nunca chegam a conhecer-se verdadeiramente; depois, há as manas da Fonseca, esteticistas, versadas em budismo, com famas de sufis na Islândia, que cuidam de uma criança velha enquanto esperam o dia em que sejam enfim seleccionadas para um concurso da televisão; há João-Baptista Daniel, o homem perseguido por Eva Simeão e que, salvo uma digressão sobre a história da empresa AEG, parece figurar no livro apenas para ser perseguido por Eva Simeão; há um 'clínico geral com uma perspectiva inovadora', um oftalmologista que é 'um dos últimos oftalmologistas do mundo', um peculiar especialista em apatias, um islandês que trata da apatia com capacetes de realidade virtual; há a melhor amiga de Eva Simeão e a segunda melhor amiga de Eva Simeão; há, quase no fim, um inesperado ensaio sobre Berkeley, o bispo filósofo; e há, enfim, um capítulo final que arranca com uma descrição pormenorizada do começo de 'Die Hard 2', cedendo lugar a uma descrição burlesca de um concurso televisivo em que uma das manas da Fonseca participa nas categorias de 'Estética' e 'Budismo'. Para começar a entender este inventário, ou a necessidade dele, é preciso sublinhar duas coisas, ou melhor, salientar dois traços da singularidade deste romance: em primeiro lugar, 'Olhos Verdes' é um romance humorístico; em segundo lugar, 'Olhos Verdes' é um romance sobre a televisão."

Na época, a universitária e crítica literária Maria Alzira Seixo escreveu no "Jornal de Letras": "Um dos livros mais interessantes que pude ler este ano foi 'Olhos Verdes', de Luísa Costa Gomes. Pertence a este veio de ficção pós-moderna que se difundiu bastante entre nós (...) mas que as circunstâncias literárias do nosso meio não têm permitido aceitar facilmente enquanto etiqueta e muito menos enquanto sensibilidade." A poetisa e crítica literária Maria Teresa Horta afirmou no "Diário de Notícias" que "Olhos Verdes" é "um livro cruel e despojado, construído em torno da imagem", "um texto todo ele feito de ambiguidades, dissonâncias", "um livro também sobre literatura, que se ficciona, contradizendo-se, permanentemente, a si própria".

E na revista "Ler" foi dito que: "A totalidade deste romance da autora de 'O Pequeno Mundo' constitui um texto de profundíssima ironia sobre a 'vida moderna' e sobre a valorização do 'plano estético' da modernidade. Ou seja: verifica, por nós (...), como a sobrevalorização desse 'plano estético' conduz a formas insuspeitadas de totalitarismo e de fascismo (...). Luísa Costa Gomes escreveu um dos mais inteligentes romances dos últimos tempos (...) Excelente."

Da autora já disse um dos críticos literários da nova geração, Pedro Mexia, que "é um dos raros ficcionistas com menos de 60 anos que merecem alguma atenção". ■ I.C.

o ideal do humano, passam a ser o ideal dos "boxeurs shorts". Uma imagem que é mais uma vez a duas dimensões, porque não tem de facto nenhuma referência a uma moralidade que lhe é exterior.

Os seus personagens principais, Pedro Levi e Eva Simeão, têm nomes judeus. Porquê?

O mundo actual divide-se entre as vítimas da imagem e os que as fabricam. Obviamente que os modelos são vítimas e quase que há uma espécie de um holocausto gigantesco de pessoas que se sacrificam à imagem exterior. E aí eles tem nomes judeus de facto, enquanto no romance os nomes cristãos são dos engenheiros que não têm nada a ver com isto, têm outros parâmetros e não entram no jogo das paixões e do desejo que une e afasta essas personagens com nomes judeus.

Já disse que, quando estava a escrever este romance, sentiu que estava a desbravar caminho, a fazer algo de novo.

Sim, para mim, não desbravo caminhos para os outros. Repare que o meu livro anterior, "O Pequeno Mundo", dedicado ao Camilo Castelo Branco [vai sair brevemente uma reedição revista na Assírio & Alvim], era um romance muito complexo do ponto de vista da língua e da forma arcaizante, uma forma epistolar complexa e com muitos matizes e em termos sintácticos muito arrevesada. Eu estava a precisar absolutamente de

da obra de uma pessoa que escreveu coisas que os filósofos classificaram como filosofia, mas que um psiquiatra podia classificar de patologia mental, de psicose e um poeta podia classificar de outra maneira. Berkeley é um filósofo de poetas, ele próprio acabou já muito próximo de uma visão poética e completamente criativa da vida, achei que para o meu propósito, que é sempre brincar com os géneros, estragar um bocadinho os arranjos florais dos académicos que põem umas pessoas num sítio e outras noutro.

Aquilo que escreveu como um ensaio filosófico não é um ensaio filosófico.

Lendo agora o artigo sobre o Berkeley, percebo que é obviamente um esforço literário — não é um esforço filosófico — para descrever um processo mental. É outra vez uma biografia ficcional que se assume como ensaio filosófico. Enquanto "A Vida de Ramón" é uma biografia ficcional que se assume como tal. No fundo, aquilo que me interessa é sempre o mesmo. É tentar perceber como é que uma circunstância e um corpo segregam um determinado sistema de ideias. Que é aquilo que eu tentei fazer no Ramón e aquilo que tentei fazer no Berkeley. O propriamente dito artigo é muito fragmentário. Eu reli-o agora e parece escrito por um louco. Falo de uma coisa, depois falo de outra, depois falo de outra. Estou a tentar, eventualmente sem consciência, fazer uma analogia com o pensamento do Berkeley.

Eu quis tematizar sobre a forma como a televisão estrutura e formata a convenção do mundo contemporâneo. De uma forma muito simplista, saber de que maneira a imagem a duas dimensões leva a uma concepção do mundo a duas dimensões, ou seja, sem profundidade, sem distância.

A ficção deve permanecer totalmente enigmática, para que o leitor possa participar e ter ele próprio uma palavra a dizer sobre aquilo, porque senão é um

pode explicar, não pode dizer: "Meus senhores o que eu quis dizer sobre isto é isto." A ficção deve permanecer totalmente enigmática, para que o leitor possa participar e ter ele próprio uma palavra a dizer sobre aquilo, porque senão é um leitor passivo e um leitor passivo não me interessava rigorosamente nada. Aquilo que me preocupava era: eu vou pôr um artigo sobre o Berkeley e eles dizem: "Ah, pronto. Então isto tem a ver com não sei quê!" Ou seja, eu estou a manipular o leitor e a mostrar-lhe o que quero que ele leia. E eu não quero que ele leia coisa nenhuma, quero que ele tenha uma cabeça aberta, que se divirta imenso a ler o livro e, se quiser ler o quinto capítulo, lê e se não quer não lê, tanto faz. Mas eu diverti-me imenso a escrever aquele capítulo.

Na altura do lançamento de "Olhos Verdes", explicou que foi uma experiência, porque não conta uma história que começa num sítio e acaba noutro. O texto está feito como um quadro. Afirmou que usou retóricas de outras artes, entre as quais a pintura.

Não me lembrava que tinha começado aí a minha preocupação com a globalidade da obra. Normalmente quando se conta uma história, ela tem de ser, pela sua própria natureza, linear. Tem de se ir de uma causa para um efeito. Existem uma data de coisas à volta que ficam fora da imagem. Aquilo que se conta é uma espécie de um enquadramento diacrónico, enquadram-se coisas e ligam-

Voltando à retórica da pintura.

Esse recuo é o que nós temos habitualmente, não diante de um livro, mas diante de uma obra de arte, de uma pintura. Fazer uma pintura era dar mais dimensões e mais densidade à história, torná-la menos linear. A minha ideia era essa. Achava que fazendo uma história linear perdia outras dimensões da história. Dimensões que são literárias, que não são só do enredo. Quando se pinta um quadro a óleo, tem de se ter essa noção de que se vai criando uma globalidade e não uma causa e efeito.

Neste romance, uma das esteticistas é versada em budismo e passa a vida a citar o Dalai Lama. É como se o budismo perdesse o significado original, estivesse banalizado.

Para mim, o budismo não é uma religião: é uma filosofia de vida extremamente atraente. Não tem um texto sagrado, não tem a autoridade, não tem igreja. Essas são as grandes vantagens do budismo e sinto-me próxima dessa concepção do mundo. Aquilo de que não me sinto próxima é da manipulação, da exploração que se faz dele. O "kitsch" da mistura de culturas que são arrancadas dos seus contextos e manipuladas pelo Ocidente para serem eficazes numa maior produtividade. É como pormos os operários da Renault a fazerem tai-chi ao meio-dia para produzirem melhor à tarde.

Acha que este livro continua actual?

Curiosamente, comecei a

Ganhe livros
da Colecção Mil Folhas

O PÚBLICO continua o passatempo que lhe vai permitir ganhar livros da Colecção Mil Folhas. Todas as semanas, colocamos cinco perguntas sobre o próximo livro da colecção ou o seu autor. Para concorrer tem de responder às cinco perguntas que lhe apresentamos abaixo, indicando qual das três respostas que lhe propomos para cada pergunta é a correcta: A, B ou C. Os primeiros dez participantes a acertar nas cinco respostas receberão um exemplar do livro.

As respostas podem ser enviadas por SMS ou através do nosso "site" na Internet, no endereço http://www.publico.pt/cmf. Para responder por SMS, deve enviar-nos a sua mensagem com as respostas até às 18h da próxima terça-feira para o número 4010. A sua resposta deve constar da sigla PPMF (PÚBLICO Passatempo Mil Folhas), seguido do código das respostas que escolheu, do seu nome e da sua localidade: PPMF ABCCA Maria Lisboa, por exemplo. O custo de cada SMS é de 0,50 euros. A lista dos vencedores de cada semana será publicada no jornal todas as quartas-feiras, assim como no nosso "site". Os vencedores serão contactados telefonicamente pelo PÚBLICO e os livros serão enviados pelo correio para as moradas correspondentes. Para mais informações, pode ligar para o número 210111010.

PERGUNTAS SOBRE O PRÓXIMO

"Olhos Verdes" foi para mim uma experiência linguística interessante e nova. Tem preocupações formais, mas não as mesmas do romance anterior. Estas quase que desafiam e provocam as anteriores. Para mim,, era uma experiência completamente diferente.

Nessa linha, aparece a grafia em português de algumas palavras inglesas. Às vezes tem de se ler alto para perceber o que está lá escrito.

Curiosamente na altura algumas pessoas acharam muito inovador, mas não é nada. Ainda há pouco tempo estive a ler as crónicas do Alexandre O'Neill "Uma Coisa em Forma de Assim", todas essas palavras aparecem escritas em português mas sem qualquer problema. Não é uma coisa muito importante no livro, é algo que pode chamar a atenção e ser um bocadinho estranho, mas não é.

No quinto capítulo, o leitor é surpreendido com o tal ensaio filosófico sobre Berkeley. Pode ficar irritado ou achar muito interessante...

Fez parte da experiência deste livro ter este problema de consciência a certa altura: ponho ou não ponho este artigo dentro do livro. E, até à última, estive a discutir comigo própria se o incluía. Hoje acho que fiz bem em incluir. Porque não é um ensaio filosófico, é um texto literário que parte da vida e "flashes" de coisas, como se estivéssemos permanentemente a fazer "zapping" na televisão. No artigo também aparecem uns "flashes" que fazem um certo sentido, mas não fazem todo, falta-nos sempre qualquer coisa da imagem. Falta-nos outra vez a profundidade, a terceira dimensão.

Acha que isso pode afastar os leitores?

Não. Eu sempre disse: não querem ler, saltem. Aliás acho que disse isso logo no princípio, não é obrigatória a leitura do quinto capítulo, podem saltar que o livro faz sentido na mesma. Podem ler no fim ou podem ler no princípio, podem fazer o que muito bem quiserem, é-me completamente indiferente. Aquilo que eu penso e que me preocupava do meu ponto de vista quando estava preocupada se iria ou não pôr o artigo sobre o Berkeley era exactamente o contrário. Era pensar que um artigo sobre o Berkeley ia tornar explicativa uma obra de ficção. E isso é que me preocupava.

Porquê?

Porque a ficção não tem de ser programática, nem tem de ser explicativa. Uma ficção não tem de ter mensagem de espécie nenhuma. O autor não tem de obrigar o leitor a ter uma determinada interpretação. Por isso é que, para mim, o título é muito perigoso e é sempre muito pensado, o título não pode indicar, não

leitor passivo e um leitor passivo não me interessava rigorosamente nada.

Não é obrigatória a leitura do quinto capítulo, podem saltar que o livro faz sentido na mesma. Podem ler no fim ou podem ler no princípio, podem fazer o que muito bem quiserem, é-me completamente indiferente.

há uma data de outras causas que não estão a ser contadas. Isso parecia-me redutor, que a história tivesse de ser completamente linear, porque as histórias acabam por ser todas iguais.

É por isso que "Olhos Verdes" é provocador para o leitor.

É até um livro feito de uma forma muito adolescente. Um romance que se propõe a que o desenrolar da história seja praticamente o contrário do que se está à espera. É provocador nesse sentido. Quando Pedro e Eva se encontram na loja das armas, o normal seria, visto que a retórica determinava que eles eram o protagonista e a protagonista, que eles se encontrassem e partissem daí para qualquer coisa. Não aconteceu. Portanto, todas as expectativas do leitor são goradas permanentemente. É um livro que assenta na frustração das expectativas do leitor, o que para mim é divertidíssimo e para as pessoas pode parecer um bocadinho absurdo. Não era obviamente só uma coisa infantil e de criança embirrante estar a frustrar as expectativas do leitor. Para já, se se frustra as expectativas do leitor, o leitor percebe que tinha expectativas e que elas foram frustradas. E isso dá-lhe uma espécie de um recuo sobre o que está a ler. Mais uma vez ou acha graça ou não acha graça. Aí não há nada a fazer.

ceu muito.

Porque é que lhe chamou "Olhos Verdes"?

Porque não estão maduros. A ideia que não estão maduros para ver aquilo que são obrigados a ver. Todos nós temos olhos verdes no sentido de que não percebemos grande parte das coisas que somos obrigados a ver. De cada vez que vejo um noticiário na televisão, não percebo porque é que permanentemente me mostram aquelas imagens de pedófilos, de crianças abusadas, de coisas horríveis que se passam no Médio Oriente. Não percebo porque me mostram permanentemente aquilo. Isto é, percebo. É uma forma de me intimidar. Aliás, como diz a personagem, são formas de intimidação colectiva: "Cuidadinho senão acontece-vos a mesma coisa!" Não são propriamente formas de informar, porque eu já sei infelizmente que essas coisas existem. As formas mediáticas são as grandes formas de impotência. São formas de nos mostrarem e reafirmarem que somos impotentes para mudar o mundo. E ao mesmo tempo metem-nos pelos olhos dentro coisas horríveis que nos fazem mal.

Para quê?

Para haver uma banalização completa e a certa altura se estar completamente anestesiada e já nada daquilo que se vê eventualmente poderá fazer-nos sofrer ou fazer-nos felizes. ■

Onde nasceu o escritor norte-americano Truman Capote?
A) Nova Orleães
B) Nova Iorque
C) Chicago

Como se chamava a mãe de Truman Capote?
A) Lillie Mae
B) Betty Smith
C) Julie Connor

Qual é o título do primeiro romance do escritor?
A) "A Sangue Frio"
B) "The House of Flowers"
C) "Other Voices, Other Rooms"

Que actriz interpretou a personagem Holly Golightly, na adaptação cinematográfica do seu romance "Boneca de Luxo"?
A) Patricia Neal
B) Deborah Kerr
C) Audrey Hepburn

Em que ano morreu Truman Capote?
A) 1984
B) 1986
C) 1990

Vencedores do passatempo da semana passada (Respostas: CBBBB): Manuela Leonardo, Porto; Dora Leonardo, Porto; Alexandra Ribeiro, Perosinho - Carvalhos; Luís Miguel Araújo da Mata, Viana do Castelo; Jorge Henriques, Aveiro; Francisco Xavier F. Duarte, V.N. Famalicão; Filomena Gonçalves, Aveiro; Marisa Moreira, Alfena; Alice Giestas Simões, Alcofra - Vouzela; Jorge Martins Bettencourt, Oeiras; Raquel Silva, Porto; Miko Lourenço, Quinta do Conde; Sandra, Quinta do Conde; Rui Serra, Portalegre; Daniela, Boticas; José Fernando Correia, Figueira da Foz; Tânia; Mafra; Paulo, Faro.